

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

“As encomendas deverão garantir o crescimento da Embraer neste e nos próximos anos”

Embraer fecha acordo recorde de US\$ 7 bilhões com a Flexjet

Reprodução Facebook



A fabricante brasileira de aeronaves Embraer vive um momento único em sua história. Em 2024, a cotação de suas ações saltou 150% — foi o melhor desempenho entre todas as companhias listadas na B3, a Bolsa de Valores de São Paulo. O céu de brigadeiro persiste em 2025. Ontem, a Embraer anunciou a venda de 182 jatos executivos (com opção de mais 30) das linhas Phenom e Praetor para a empresa aérea americana Flexjet, em um negócio estimado em aproximadamente US\$ 7 bilhões. Trata-se do maior pedido já recebido por sua divisão de aviação executiva. De acordo com analistas, as encomendas deverão garantir o crescimento da Embraer neste e nos próximos anos, além de representar um voto de confiança na qualidade dos produtos fabricados pela companhia. Não à toa, os papéis da Embraer dispararam no pregão de ontem, e as casas de análises e os gestores de recursos apontam para novos avanços ao longo de 2025.

RAPIDINHAS

- » O balanço da Disney trouxe uma boa surpresa. No trimestre encerrado em dezembro do ano passado, o segmento de streaming do grupo — que inclui Disney+, ESPN+ e Hulu — lucrou US\$ 293 milhões. No mesmo período de 2023, o streaming havia gerado perdas de US\$ 138 milhões. O resultado se deve ao aumento dos preços das assinaturas.
- » Um estudo feito pela Universidade de Birmingham, na Inglaterra, analisou o desempenho de 1,2 mil alunos de 30 escolas secundárias e concluiu que a proibição do uso de celulares na sala de aula não melhorou as notas dos estudantes. No Brasil, o presidente Lula sancionou em janeiro uma lei que veta os smartphones nas classes e no recreio.
- » No ano passado, o volume de lançamentos de imóveis quebrou recordes em São Paulo, o principal mercado do país e um termômetro crucial do desempenho do setor. Segundo dados do Secovi-SP, sindicato que representa o segmento imobiliário, 104,4 mil unidades habitacionais chegaram ao mercado, um avanço de 43% versus 2023.
- » O home office está sendo abandonado pelas grandes empresas? Alguns sinais indicam que sim. Em São Paulo, o mercado de escritórios corporativos atingiu a menor taxa de vacância (16%) desde 2019, conforme estudo realizado pela consultoria RealtyCorp. Há pressão das companhias pelo fim do trabalho em casa.

Fusão entre Honda e Nissan fracassa

Após três meses de negociações, a fusão das montadoras japonesas Honda e Nissan não deverá seguir adiante. De acordo com informações do jornal americano The Wall Street Journal, a Nissan ficou insatisfeita com os termos do acordo e o casamento agora parece improvável. A união das duas companhias daria origem à terceira maior montadora de veículos do mundo, com valor de mercado de US\$ 60 bilhões, e seria importante para o enfrentamento da cada vez mais desafiadora concorrência chinesa.

Apagão de talentos ameaça crescimento econômico

O Brasil vive um apagão de mão de obra. Um estudo da consultoria PwC constatou que 30% dos CEOs brasileiros consideram a escassez de talentos como a maior ameaça para 2025 — a média mundial é de 23%. Outro levantamento, desta vez feito pela organização ManpowerGroup, aponta os setores de transporte, logística e automotivo como os mais afetados pela falta de profissionais qualificados. O quadro é alarmante. Sem mão de obra, os níveis de produtividade caem e a economia cresce menos.

Governo amplia em 25% os investimentos para escoamento da safra

O Ministério dos Transportes anunciou o aumento de 25% nos investimentos públicos para melhorar o escoamento da safra agrícola em 2025, elevando o orçamento de R\$ 3,6 bilhões para R\$ 4,5 bilhões. Os recursos serão direcionados à expansão e melhoria de rodovias e ferrovias, incluindo a restauração da BR-135 no Maranhão, a duplicação da BR-163 no Mato Grosso e a construção de trechos da Ferrovia de Integração Centro-Oeste. O governo também planeja realizar leilões de corredores rodoviários.

Ed Alves/CB/D.A Press



“Diversidade é o nosso alicerce”

Paulo Correa, presidente da C&A, reforçando o compromisso da varejista com programas de equidade e inclusão

Facebook/reprodução



3,1%

foi quanto cresceu a produção da indústria brasileira em 2024. Segundo IBGE, trata-se da terceira maior expansão em 15 anos

CÂMBIO

Em dia de tranquilidade, moeda norte americano passa por ajuste, após 12 dias de seguidas quedas. A volta dos debates parlamentares também interfere na oscilação, por causa dos gastos públicos

Dólar sobe para R\$ 5,79

» ROSANA HESSEL

Vanderlei Almeida/AFP



Recuo ocorre após presidente dos Estados Unidos prometer promulgar tarifas abrangentes

Depois de cair por 12 pregões consecutivos — o período mais longo desde o início do Plano Real —, ontem, o dólar voltou a registrar alta frente ao real, devido aos ajustes normais e à volta ao radar de problemas internos, principalmente fiscais, segundo especialistas.

A divisa norte-americana encerrou o dia cotada a R\$ 5,794 para a venda, com valorização de 0,38% sobre a véspera em um dia sem movimentos radicais do novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

O economista-chefe da Equatorial Investimentos, Eduardo Velho, considerou que essa nova alta do dólar marca o retorno da percepção do mercado de que o quadro fiscal segue ruim e que a inflação não está acomodada como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, ontem, em entrevista para rádios de Minas Gerais.

Pelas projeções de Velho, a inflação oficial de 2025 está acima de 6%, diferente dos 5,2% previstos pelo Banco Central. “Nossa previsão central para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 2025 segue em 6,76%, com limite superior estimado de 7,18%. E, para para 2026, nossa estimativa central seria de 4,77%”, destacou o economista.

Na avaliação de Eduardo Velho, essa reversão no câmbio é natural, porque é caro para os investidores ficarem comprados em dólar. “Há um custo e o investidor precisa apostar em uma valorização acima de 10% para a moeda concorrer com a taxa Selic (taxa básica da economia)”, ressaltou ele, ao prever

que os juros básicos, atualmente em 13,25% anuais, devem terminar o ano entre 15,75% e 16% ao ano. “Para evitar uma inflação superior a 6% neste ano, o Banco Central teria que elevar a Selic na faixa de 17% a 17,5% anuais. Mas isso ele não deverá fazer”, acrescentou.

O economista lembrou ainda que o câmbio vinha recuando no meio do receso parlamentar e, agora, que o Legislativo voltou ao trabalho. “Agora, o mercado financeiro volta a cobrar o ajuste fiscal e vai ficar atento como será o relacionamento político entre o governo e o Congresso, com os novos presidentes das duas Casas”, destacou. Para ele, a volatilidade no câmbio e na Bolsa deverá persistir, pelo menos, até abril, quando o Executivo deve enviar o Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) de 2026.

Para Fernando Honorato, economista-chefe do Bradesco, os próximos meses marcarão a “pior combinação entre inflação e atividade dos últimos períodos”. “Os índices de preços ainda responderão à depreciação cambial, à inércia e às surpresas como crescimento, manifestamente nos núcleos. No entanto, os sinais de desaceleração da economia vêm se acumulando, nos fazendo ganhar convicção no quadro de recessão na segunda metade do ano”, escreveu ele, que reduziu de 2,2% para 1,9% a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano, mas manteve em R\$ 6 a previsão para o dólar no fim de dezembro.

Ajuste normal

Gustavo Cruz, estrategista-chefe da RB Investimentos,

enxergou a volta da desvalorização do real ante ao dólar ontem como um movimento de ajuste normal do mercado. “Muitas pessoas devem ter visto o dólar caindo ao longo dos últimos dias e aproveitou para comprar. Mas isso vai se esgotando um pouco para dar mais uma pernada e, talvez a gente precise de mais algum fato novo ou de um movimento um pouco mais forte no mercado externo para que o dólar volte a cair novamente”, destacou. “Apesar da forte convicção de que a atual taxa de câmbio se provará depreciada, caso se afaste do quadro de dominância fiscal, decidimos manter a premissa de uma moeda estável em R\$/US\$ 6,00 até o fim do próximo ano”, acrescentou ele.

“O dólar quebrou uma sequência de 12 quedas para

fechar em leve alta nesta quarta-feira (ontem), numa ‘correção’ técnica moderada, pois ainda acumula perda de 4,83% neste período e baixa de 6,6% no ano”, comentou o economista Julio Hegedus Netto, da JHN Consulting. Na avaliação dele, a produção industrial mais fraca no Brasil, o alívio na retórica de Trump sobre a guerra tarifária e os dados de emprego nos EUA em janeiro acima do esperado ajudaram nessa inversão do sinal da divisa norte-americana.

Além de minimizar a questão da inflação, Lula ainda afirmou que pretende taxar os produtos dos Estados Unidos se Trump taxar os produtos do Brasil: “É lógico. É o mínimo de decência um governo utilizar a reciprocidade”, afirmou o chefe do Executivo na entrevista às rádios mineiras ontem. Na véspera, a China formalizou queixa contra os Estados Unidos na Organização Mundial do Comércio (OMC) sobre as tarifas de 10% anunciadas por Trump, no fim de semana. Segundo comunicado da OMC, o país asiático alega que as medidas tarifárias dos norte-americanos violam as obrigações em relação ao status de nação mais favorecida, com base nas normas da entidade de comércio global. Além disso, o país asiático reviu com uma taxa de 10% a 15% sobre vários produtos norte-americanos.

Enquanto isso, a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) fechou o dia em alta após recuar por três dias seguidos, acompanhando as bolsas internacionais que operaram no azul. O Índice Bovespa (IBovespa), principal indicador da B3, registrou valorização de 0,31%, para 125.534 pontos, acumulando, no ano, avanço de 4,37%.

PREVIDÊNCIA

Consignado do INSS terá prazo maior

O ministro da Previdência, Carlos Lupi, anunciou ontem o aumento do prazo máximo de pagamento do crédito consignado para aposentados do INSS e para quem recebe o Benefício de Prestação Continuada (BPC) para 96 meses. O prazo atual é de 84 meses. A medida, que será publicada amanhã no Diário Oficial da União, vale para as modalidades de consignado, cartão de crédito e cartão consignado.

De acordo com Lupi, foram feitas várias simulações pela Previdência e pelo INSS para adoção dessa nova medida. Segundo ele, a proposta é favorável ao tomador de crédito e ao sistema financeiro, já que o percentual de inadimplência é próximo de 0%. O ministro esclareceu ainda que fica mantido o limite de 35% do empréstimo consignado em folha de pagamento.

“A gente está facilitando a vida do cidadão para que, com mais prazo para pagar, ele diminua a dívida mensal. O que vai ter de facilidade é que vai ter prazo maior de pagar, não prazo maior da dívida”, disse Lupi.

O ministro rejeitou o argumento de que a medida fomenta o endividamento. Segundo ele, hoje, cerca de 90% do total dos beneficiários do consignado chegam no final do prazo já captando outro empréstimo, ou seja, continuam com o benefício.

O presidente do INSS, Alessandro Stefanutto, reiterou que o que acontece hoje já é uma prorrogação quase ilimitada de alguma parcela. “O aumento do prazo não muda esse status. Ele ter parcela mais barata, que ele não comprometa a sua sobrevivência, a gente dá uma chance maior de ele não ficar replanejando, reprogramando”, disse.